

A formação de padres gestores no interior paulista

Renan Rossi

Introdução

Ao longo das últimas décadas o cenário religioso brasileiro tem passado por uma transformação que se intensifica cada vez mais. Se até o fim do século XIX o catolicismo tinha o monopólio do mercado religioso nacional, sendo indissociado do Estado brasileiro, uma vez que era a religião oficial do país, a partir da Constituição Republicana de 1891 esse contexto começou a mudar. Uma transformação que tem se acelerado nos últimos anos. Como apontam os últimos censos, num espaço de sessenta anos – 1940 a 2000 – o percentual de católicos no Brasil decresceu em vinte por cento, ao passo que o número de evangélicos passou de 2,6% para 15,6% e o de sem religião de 0,2% para 7,4% (SOUZA, 2011, p.3). Ainda que no censo de 2000 os católicos ainda somem consideráveis 73,9% da população, há de se atentar que existe um razoável padrão de perda de fieis dentro da Igreja Católica. Fieis estes que estão migrando tanto para as fileiras do neopentecostalismo como de outras Igrejas cristãs, mas também para o grupo dos sem religião, que, proporcionalmente, é o que mais tem crescido.

Para utilizar termos weberianos, no Brasil, hoje em dia, bens de salvação estão sendo oferecidos de maneira pulverizada nos mais diversos templos, não estando sobre o monopólio de uma única instituição. O autoconsumo religioso no sentido mágico do termo não se faz tão presente, já que esses bens de salvação estão sendo gerenciados por uns poucos detentores de competências específicas, os protagonistas do sagrado, mas percebe-se uma possibilidade da *classe de interessados* de formular inúmeras combinações em termos de conduta e doutrina, escolhendo aquilo que é de sua preferência, esquecendo-se daquilo que não lhe condiz. Daí a possibilidade de existirem hoje em dia igrejas voltadas para nichos específicos da população, como os homossexuais, a partir de um processo de depuração daquilo que vai ser considerado ou não nas Escrituras. São as assim chamadas igrejas inclusivas e que têm crescido nos últimos anos. Todas essas coisas se dão dentro de um panorama de encolhimento do catolicismo no Brasil, que, por ser de conhecimento da Igreja, nela instiga modificações para conter esse processo.

Simultaneamente a esse contexto de pluralismo, pode-se também perceber por meio de Peter Berger (1985) um processo de privatização da experiência religiosa, com uma

redução ao domínio individual ou de pequenos grupos daquilo que antes consistia numa dimensão pública. Agora os indivíduos não professam uma única crença, mas relegam suas múltiplas crenças, por vezes aparentemente contraditórias, à sua vida privada. A religião se torna uma questão de escolha. E as adesões a determinadas religiões respondem a uma pluralidade de opções. De tal modo que as igrejas precisam mostrar-se atrativas à classe de interessados, a cujos indivíduos tenciona-se converter e fidelizar.

Num mundo em que a experiência da conversão não é em si algo muito difícil de ser vivenciada, o desafio para Peter Berger reside no processo de manter essa conversão algo plausível ao longo do tempo. E o que garante a permanência dessa conversão é a participação e a manifestação de presença na comunidade religiosa. Essas duas coisas passam a ser elementos constitutivos de uma sólida experiência conversional. Deste modo, o corpo de fieis de uma igreja é chamado a participar ativamente de sua comunidade. No caso da Igreja Católica, participando de pastorais, grupos de Liturgia e grupos de oração. Assistindo a comunidade e não mais apenas assistindo às celebrações.

Em tempos de pluralismo religioso, os leigos são chamados, portanto, a assumir espaços de que antes estavam privados. Ao mesmo tempo em que os sacerdotes também passam a se ocupar de outras funções além daquelas que anteriormente consistiam em seu trabalho religioso, como o gerenciamento de bens de salvação tais como a Eucaristia e a Confissão. Como as igrejas têm de se manter atrativas, assim também muitas vezes deve ser a fala e a postura do sacerdote, o que se transparece nas homílias, em que alguns padres optam por importar elementos estranhos ao sagrado, como anedotas, uso da exemplificação da Palavra por meio de filmes hollywoodianos em missas infantis, ou reinterpretações 'sacralizadas' de letras de música popular, entre múltiplos recursos.

Como a Igreja Católica em si já é algo muito plural, existem segmentos que respondem de maneiras distintas a esse pluralismo que está a se consolidar. Como aponta Peter Berger, existem três formas de reação a esse processo, e só um exame apurado permitiria perceber as distintas ocorrências delas dentro da Igreja no Brasil. Que são a negociação cognitiva – que é a abertura e diálogo com o moderno -, a capitulação cognitiva – que envolve uma rendição identitária -, e, por fim, uma redução cognitiva, que seria a reafirmação da ortodoxia, seja de uma maneira defensiva, por meio do fechamento da comunidade em torno de um gueto, com a formação de uma sub-cultura, ou ainda de uma forma ofensiva. Entre estas, estamos preocupados especialmente com a primeira.

Entre estes tais recursos para abertura e diálogo com o moderno o principal talvez

seja o esforço dos sacerdotes no sentido de um marketing católico. Alguns entre esses padres têm um grande magnetismo pessoal, uma capacidade que lhes é inerente de atrair as pessoas, se não para si, ao menos para Cristo. O que perpassa tanto os padres-cantores e a apropriação midiática de suas imagens e canções. Além deste recurso existem também os grandes eventos musicais, os livros apologéticos ao catolicismo muitas vezes escritos por padres e ainda outros eventos, feitos de maneira recorrente em localidades variáveis no mundo com o intuito de agregar os fieis, em especial os jovens. Caso das Jornadas Mundiais da Juventude que ocorrerão em junho de 2012 no Rio de Janeiro, por exemplo. Se, por um lado, esses esforços não consistem num trabalho religioso no sentido mais restrito do termo, por outro, não deixam de sê-lo porque são novas operações e tarefas feitas por um corpo de indivíduos sacralizados, que contam com o auxílio de leigos, e que cujo intuito é tornar mais atrativa às pessoas a Igreja Católica, num cenário em que existem outras igrejas também envidando grandes esforços neste sentido. Esse trabalho de marketing, fica inserido, portanto, numa dimensão da atração dos novos fieis. De uma propaganda católica.

Para além da atração, no entanto, existem ainda outras duas dimensões que também se fazem perceber no que toca a competição pela classe de interessados. Uma é a fidelização das pessoas que já foram atraídas, o que envolve o trabalho do padre de gerenciar sua paróquia, para muito além do sentido usual de celebrar as missas e novenas e se inteirar das despesas que existem em suas igrejas. Trata-se também de gerenciar a participação dos leigos, para que por meio dela, estes possam se fidelizar. Neste sentido, o padre acaba por abrir espaços ou pelo menos permitir a criação destes espaços de atuação leiga em suas paróquias, de que tal modo que os indivíduos não sacralizados possam se reunir, muitas vezes por própria conta, e ter a liberdade de assumir responsabilidades paroquianas, o que lhes acrescenta se não um capital simbólico religioso, no sentido de serem produtores culturais e não apenas passivos consumidores, ao menos uma maior coesão na comunidade, uma relação de pertencimento e comunhão, que o torna de convertido em fidelizado.

Uma vez realizada a atração do indivíduo e sua eventual fidelização, ainda resta um trabalho de legitimação da igreja, que se dá muitas vezes por suportes simbólicos, mas também por obras que demonstrem o comprometimento com os menos favorecidos. E neste sentido o trabalho de gerenciamento de obras sociais por padres, enquanto figura de empresário social, é muito importante. No caso dos Salesianos, isso fica bastante explícito.

Dentro da realidade organizacional da Igreja Católica há ainda espaço para outras formas de trabalho religioso, uma vez que existem responsabilidades administrativas e financeiras, que também requerem esforços. Atividades como, por exemplo, a dos economistas, que são aqueles padres que cuidam das finanças da diocese.

Um tipo ideal de padre que é gestor surge dessas quatro dimensões apontadas: de marketing católico, gestão paroquial, gestão de empreendimentos sociais e gestão diocesana. Nosso objetivo é tentar entender como esse tipo específico de padre, com uma agenda tão "mundana" se contrapõe, se se contrapõe, a um perfil mais convencional de sacerdote católico, que é aquele presbítero que teve uma formação humanística, que priorizava tão somente o aprendizado da teologia e da filosofia, sem atentar para a formação de competências de gerenciamento, comunicação social e administração, por exemplo. Estão os seminários voltados atualmente para a formação destas competências que de fato em muitas circunstâncias estão sendo exigidas dos padres em suas atividades cotidianas? Ou eles saem dos seminários diocesanos com uma formação que não compreende esses domínios?

Esta pesquisa ainda se encontra num momento inicial, de formulação ainda, portanto o que nos norteia são essas dúvidas. Em termos de recorte metodológico, escolhemos estudar apenas o processo de formação sacerdotal no clero secular, também conhecido como clero diocesano. Em detrimento do clero regular que compreende sacerdotes das mais diversas Ordens Religiosas, cada uma com suas regras específicas e cujos membros são, por muitas vezes, menos próximos de um público leigo. Dentro do clero secular, procuramos nos distanciar também dos diferentes percursos de caminhadas vocacionais que existem dentro das Congregações Religiosas, que têm liberdade para gerenciar seus próprios projetos de formação sacerdotal, uma vez que possuem carismas específicos a serem trabalhados nos indivíduos. Sendo distintas as experiências formativas por que passam um sacerdote da congregação dos Salesianos de Dom Bosco, por exemplo, e de um sacerdote formado num seminário diocesano. Procuramos nos limitar então ao segundo caso. Porque no tocante aos esquemas de organização da Igreja Católica, de sua administração, os padres formados em seminários diocesanos, que depois vão atuar em paróquias junto ao público leigo, estão mais próximos do bispo e de suas orientações, inclusive devendo-lhe uma obediência que não se encontra igual nas Congregações Religiosas, visto que elas possuem suas próprias hierarquias e agendas.

A importância de se entender as modificações no processo de formação sacerdotal,

quaisquer que sejam, neste contexto de pluralismo, se baseia no fato de que, desde os primórdios da Contrarreforma, os seminários católicos sempre foram lugares chave de adaptação do catolicismo frente a demandas contextuais. Nos dois maiores concílios de ajustamento da história de Igreja, o Concílio de Trento (1545 a 1563) e o Concílio Vaticano II (1962 a 1965), em ambos se deu especial atenção à questão da formação presbiteral. Entre estes dois, foi em Trento que a Igreja Católica demonstrou pela primeira vez um interesse explícito por uma formação presbiteral institucionalizada. Foi o mais longo concílio ecumênico da história da Igreja e nele tornou-se expressa a necessidade de que os presbíteros católicos deveriam possuir uma formação teológica e moral sólida. Para que assim um corpo clerical lapidado pudesse ser composto, reprimindo-se o desregramento moral do clero e a venda de cargos eclesiásticos. No que se criaram os seminários. A conjuntura histórica de insurgimentos contra a doutrina e a Igreja Católica foi, neste sentido, responsável pelo despertar desta estruturação do processo formativo sacerdotal, antes inexistente. Os seminários foram elaborados, portanto, como um desdobramento da reforma protestante.

Quatrocentos anos após o encerramento das últimas sessões daquele que foi o décimo nono concílio católico, o Papa João XXIII convocou um vigésimo primeiro, conhecido como Concílio Vaticano II, estando preocupado em atualizar a Igreja a um contexto de grandes mudanças no mundo contemporâneo, seu sucessor, o Papa Paulo VI, que deu continuidade ao concílio, postulou ser a questão da formação sacerdotal de grande importância para o aggiornamento católico. Num decreto específico ao tema, o *Optatum Totius*, delegou que em cada país se reunissem conferências episcopais que cuidassem de seus próprios planos de formação presbiteral – de um modo que a variedade de povos e regiões fosse levada em consideração e não se impusesse um único projeto de formação aos mais distintos países; instituindo, por outro lado, como mecanismo de controle a revisão e aprovação periódica desses projetos pela Santa Sé.

Estando condicionada às conferências episcopais de cada país, conforme decretado no *Optatum Totius*, a formação dos presbíteros da Igreja está desde a década de 1960 mais e mais ligada às conjunturas dos mercados religiosos locais e não tanto a conjuntura global. No Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), pela Comissão Episcopal para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada (CMOVC) e a Organização dos Seminários e Institutos do Brasil (OSIB), se debruça e encarrega da questão da infraestrutura dos estudos propedêuticos, Seminários Menores e Maiores. Quanto ao fomento

das vocações, consoante o supracitado decreto, este é dever de uma variedade de sujeitos. Compete de início às famílias – tidos como um primeiro seminário –, assim como aos professores das escolas de ensino católico, que, assim como os padres, têm o dever de despertar nos jovens o interesse pelo sacerdócio, servindo de exemplo de vida laboriosa e de espírito alegre; pertencendo aos bispos ainda a obrigação de encorajar o rebanho no sentido de preparar novas e mais vocações (PAULO VI, 1965, s.p). A cooptação de novos vocacionados é, por isso, um esforço que envolve toda a comunidade, ao passo que a implementação da formação pelos meios institucionais compete à reitoria e corpo dirigente dos seminários. Numa iniciação que é gradual e prolongada, em que o indivíduo se retira do mundo profano e vai adquirindo com o tempo diferentes ministérios como o do Leitorato e Acolitato, por exemplo, até ser ordenado.

No intuito de compreender o seminário enquanto espaço de reformulação do catolicismo e de formação de competências específicas nos indivíduos vocacionados, temos como programado envidar esforços em duas frentes de análise complementares ao longo dos meses nos quais se desenvolverá a pesquisa. Na primeira, tem-se como objetivo estudar os pronunciamentos oficiais do Vaticano e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a respeito da formação presbiteral, de tal modo a poder precisar quais são, em detalhe, as prescrições do Vaticano e da CNBB no tocante aos seminários católicos. Em quais pontos convergem e em quais diferem com a realidade observada? As fontes primárias são documentos pontifícios, decretos da Santa Sé e artigos da Congregação para a Educação Católica que se encontram em livre acesso ao público pelo site do Vaticano, em sua totalidade disponíveis em língua inglesa. Uma menor parte entre estes foram traduzidos e publicados pela CNBB. Além dos quais, existem ainda prescrições e documentos nacionais sobre o mesmo assunto disponibilizados pela própria CNBB, pela CMOVC e OSIR. Nosso objetivo é empreender uma revisão bibliográfica que compreenda estas fontes, de tal modo a poder compará-las entre si e com os resultados da segunda frente de análise. A qual consiste em perceber se estas prescrições estão, de fato, sendo implementadas da maneira como as sugerem os documentos e discursos oficiais, ou se, de outro modo, as práticas educacionais instituídas se diferencem consideravelmente das disposições às quais respondem. Para isto, será realizada uma observação participante no Seminário Maior João Paulo II, seminário modelar localizado nas imediações da Vila Prado. Até dezembro de 2011 hospedava vinte e um seminaristas – entre os cadastrados no site oficial da Diocese de São Carlos –, sendo provenientes de treze dos vinte e nove

municípios que compõem a Diocese. Nove entre eles estavam no primeiro ano do curso de Filosofia, cinco no segundo ano e os outros sete estão no último ano, ao término do qual seguem para a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em que passam outros quatro anos, a estudar Teologia. Por uma questão de delimitação de abrangência e tempo, no mestrado nos dispomos a estudar apenas o Seminário Maior João Paulo II, desconsiderando nestes dois anos iniciais de pesquisa a segunda etapa do processo de formação sacerdotal.

A metodologia que pretendemos empregar diferere de acordo com a frente de análise considerada. No caso da primeira frente, que trata dos pronunciamentos oficiais, esta está representada pelo primeiro estudo das fontes oficiais e da bibliografia que tange o tema. Além da leitura dos anteriormente citados documentos do vaticano e da CNBB, serão empreendidas revisões bibliográficas que compreendam o debruçar sobre o catolicismo no Brasil a partir da segunda metade do século XX, de modo que os resultados que encontrar estejam ancorados num corpo de conhecimentos conexos. Também a análise da grade curricular e dos planos de ensino. Empreendimento de observação participante não estruturada, a partir da qual se possa pelo convívio em situações cotidianas e de eventos excepcionais – em que os seminaristas estão dispostos à sociabilidade com um maior número de pessoas (festas, missas) – registrar as práticas lá evidenciadas, após ter-se submetido às suas companhias e às “pequenas conjunturas a que estão sujeitos” os vocacionados (GOFFMAN, 1987, p.8). Como complementação à observação participante, tendo como objetivo precisar quem são as pessoas que estão internadas neste estabelecimento social, será elaborado um questionário – além da realização de entrevistas semiestruturadas com alguns entre os seminaristas, algo como três de cada ano –, a ser respondido pela totalidade dos vocacionados, que compreenda perguntas sobre suas trajetórias de vida, a que faixa etária pertence, qual o nível de educação de seus pais, em que eles trabalham, qual experiência anterior de trabalho, de que escola provem, se instituição de ensino público ou privado, etc... de tal modo a descobrir se suas trajetórias de vida são as mais heterogêneas ou bastante semelhantes e que sirva de matéria-prima para uma pesquisa maior no doutorado.

Tendo reconstituído um padrão dos vocacionados e com eles convivido em distintas situações ao longo de dois anos, espero contrastar os dados do campo com as revisões bibliográficas, de tal forma a poder aferir em que se assemelham ou diferem a implementação do processo de formação presbiteral e os discursos oficializados pela Santa

Sé e pela CNBB e, principalmente, perceber se, no caso do interior paulista, a partir desse seminário modelar, as competências que estão sendo estimuladas nos seminaristas compreendem essa capacidade de gerenciamento e administração e comunicação social que estão a ser exigidas dos padres num contexto de acirramento de disputado no mercado religioso brasileiro, em que a Igreja Católica está na necessidade se reformular constantemente de modo a ser tornar mais atrativa de tal modo a não perder mais fieis.

Bibliografia consultada

- BERGER, Peter. O dossel sagrado, elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2010. 199 p.
- _____. Formação dos presbíteros da Igreja no Brasil: diretrizes básicas. São Paulo: Paulinas, 1995. 121 p.
- CONGREGATION FOR CATHOLIC EDUCATION. Decree on the reform of ecclesiastical studies of Philosophy. 2011. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>. Acesso em: 10 agosto 2011.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Martins Fontes, 1996
- PAULO VI. Optatam Totius: sobre a formação sacerdotal. 1965. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>. Acesso em: 13 agosto 2011
- SOUZA, André Ricardo de. Igreja in concert: padres cantores, mídia e marketing. São Paulo: Fapesp, 2005.
- SOUZA, André Ricardo de. O pluralismo cristão brasileiro. Caderno de Resumos do XXVIII Congresso da ALAS. Recife-PE : ALAS, 2011. v. 2.
- WEBER, Max. Economía y Sociedad. México: Fondo de Cultura Economica, 1944.